GENDER & COVID-19

Gender and COVID-19 evidence download

Vida das mulheres em tempos de crise: pandemia de Covid-19, relações sociais e de gênero

Apresentamos resultados parciais da pesquisa "**Pandemia de Covid-19 e práticas reprodutivas de mulheres no Brasil**", realizada pelo Grupo de Pesquisa RepGen[1] como parte do projeto "Covid-19, risco, impacto e resposta de gênero"[2], que tem como objetivo conhecer como a pandemia afeta a vida, a saúde das mulheres e o acesso aos cuidados e serviços de saúde, com ênfase nos aspectos da saúde sexual e reprodutiva. O estudo inclui abordagens quantitativas e qualitativas. Na fase quantitativa, realizada em 2021, utilizamos um questionário online, auto aplicado, que continha perguntas sobre diversos temas relativos à saúde e à vida das mulheres durante a pandemia. No final do instrumento, constava a seguinte questão aberta e de preenchimento opcional:

> ***"Você quer deixar algum comentário final sobre alguma/s das questões - ou sobre outro assunto que você considera importante? Sinta-se livre para escrever no campo abaixo".***

As mulheres sentiram-se convidadas a discorrerem sobre os mais variados temas. Apresentamos os resultados da análise das respostas por meio de duas notas técnicas: "Vida das mulheres em tempos de crise: pandemia de Covid-19, relações sociais e de gênero" e "Saúde sexual e reprodutiva das mulheres na pandemia". As notas podem ser lidas de maneira independente, uma vez que trazem assuntos distintos. A primeira se detém à compreensão das mulheres sobre a crise sanitária e política, bem como às mudanças acentuadas nas relações sociais e de gênero, durante o contexto de pandemia, enquanto a segunda enfatiza os temas referentes à saúde e aos cuidados das mulheres[3].

Método

Utilizou-se um questionário online, construído na plataforma RedCap, que possuía 113 perguntas objetivas e uma questão aberta no final. O instrumento circulou de 15 de julho a 30 de outubro de 2021 e foi respondido por 8.313 mulheres de 18 anos ou mais, dentre as quais 1.838 se expressaram neste espaço da questão aberta. As respostas a esta questão foram analisadas a partir de uma abordagem qualitativa. Categorias foram construídas a partir do conjunto de ideias e opiniões sobre a pandemia, acerca de análises de conjuntura sócio-política, relatos de experiências de vida e saúde durante esse período, dos sentimentos e estados emocionais, sofrimentos, descobertas e estratégias de enfrentamento ao contexto pandêmico. As respondentes também utilizaram o espaço para avaliar o próprio questionário, elogiando, apontando falhas e/ou fazendo sugestões, solicitaram retorno dos resultados do estudo ao Grupo de Pesquisa e, até mesmo, pediram orientação e/ou ajuda em assuntos variados.

Perfil das mulheres que responderam à questão aberta

Entre as 1.838 mulheres que responderam à questão aberta, um pouco mais da metade é da Região Sudeste (52,9%, n=974), a mais populosa do Brasil, 25% (n=460) do Nordeste, seguidos das regiões Sul, Centro-Oeste e Norte. Entre elas, 53,8% (n=989) se declararam brancas, 41,3% (n=760) negras e as demais são de origem asiática, indígenas e outras. Em relação à faixa etária, 48,4% (n=886) possuem entre 18 e 39 anos e 51,6% (n=949) têm 40 anos ou mais. A maioria informou estar casada ou unida (52,3%, n=962) e as demais

1 O Grupo de Pesquisa Gênero, Reprodução e Justiça/RepGen é formado pelas pesquisadoras Claudia Bonan (IFF/Fiocruz), Ana Paula dos Reis (ISC/UFBA), Greice Menezes (ISC/UFBA), Cecilia McCallum (ISC/UFBA & FFCH/UFBA), Andreza Rodrigues (EEAN/UFRJ), Ulla Macedo (IGM/Fiocruz Bahia), Nanda Duarte (IFF/Fiocruz), Débora Chaves (ENSP/Fiocruz) e Maiara Damasceno Santana (FFCH/UFBA).

2 O projeto faz parte da colaboração internacional "Gender and Covid-19 Project", com financiamento da Fundação Bill & Melinda Gates e coordenado no Brasil pela pesquisadora Denise Nacif Pimenta, do IRR/Fiocruz Minas.

3 O Grupo RepGen agradece à pesquisadora Brunah Schall pela colaboração teórica e técnica a este trabalho.

referiram diversas outras situações afetivo-sexuais. 82,8% (n=1522) são heterossexuais e 58,4% (n=1074) possuem filhos. Três quartos das mulheres têm nível superior completo (73,9%, n=1359) e, muitas dessas, fizeram também pós-graduação.

Temas proeminentes

Nesta nota técnica são apresentados os principais temas que emergiram após análise de conteúdo com enfoque sobre relações sociais e de gênero desse material. Nessa perspectiva, destacando-se: cenário sociopolítico; precarização do trabalho, desemprego e dificuldades financeiras; distanciamento social; sociabilidades e relacionamentos afetivos; sobrecarga de trabalho, exaustão e gênero; sobrecarga emocional; relatos de violência, em especial violência doméstica; constatação de desigualdades sociais e operacionalização da noção de privilégio; iniciação, continuidade e interrupção dos estudos; e narrativas sobre a ciência.

Cenário sociopolítico: críticas à inoperância dos governos

No Brasil, o enfrentamento à Covid-19 deparou-se com entraves político-ideológicos e a inação dos governos, sobretudo o governo federal. Na questão aberta houve uma considerável reflexão sobre a inoperância governamental, culminando na formulação desta categoria, a qual encapsula os aspectos social e político, destacados nas narrativas. As mulheres que pautaram o tema ressaltaram as consequências da negação da gravidade da pandemia pelos governantes, de suas incompetências e omissões na gestão da crise sanitária, de suas ações tardias em resposta às necessidades de reorganização da oferta de serviços de saúde, assim como em assuntos como renda e enfrentamento das desigualdades sociais frente à pandemia; como reflexos na vida privada e na própria saúde. Algumas delas consideraram que essas atitudes governamentais são parte de um projeto conscientemente executado por meio da naturalização da morte para corpos considerados secundários e descartáveis, aquilo que Mbembe (2016) discutiu como necropolítica.

> ***"Minha família adoeceu de Covid-19. E minha mãe não resistiu. Faleceu com 63 anos, um mês antes de chegar à idade dela de tomar a vacina. Ela poderia estar aqui ainda, entre nós, se não tivesse sido negada a vacina ao povo. Ela foi vítima de um genocídio. Então meu sentimento é de revolta e de um luto mal elaborado. Um acumulado. Um medo da iminência da morte. Sem saber o que será amanhã."***
>
> **Parda, 40 anos ou mais, Bahia**

Nesse sentido, as mulheres entenderam que a má gestão da pandemia contribuiu para a morte de milhares de pessoas, como afirmou uma delas:

> ***"A falta de interesse do governo federal em cuidar da população é a principal causa para tantas dores, doenças e perdas."***
>
> **Branca, 40 anos ou mais, Pernambuco**

A percepção da insuficiência e/ou ausência de políticas públicas adequadas na assistência durante a pandemia fizeram com que as mulheres utilizassem os termos "genocida" e "desgoverno", para caracterizar o governo federal.

> ***"Viver num país governado por um genocida negacionista deixou a pandemia que por si já é preocupante, insuportável! A questão política tem produzido muito sofrimento nestes dias."***
>
> **Parda, 40 ou mais, Rio de Janeiro**

Esta condição foi associada, ainda, às consequências nefastas provocadas na saúde mental das mulheres, como o agravamento da ansiedade e do medo.

> ***"Acredito que muito da minha saúde mental foi afetada pela forma como o presidente vem lidando com a Covid-19, além do isolamento em si."***
>
> **Branca, 25-29 anos, São Paulo**

Precarização do trabalho, desemprego e dificuldades financeiras

A pandemia da Covid-19 amplificou as desigualdades sociais no Brasil e no mundo inteiro, ainda que de maneira específica nos diferentes contextos e classes. Precarização do trabalho, perda de emprego e dificuldades financeiras foram relatadas. Algumas mulheres fizeram menção à insuficiência do valor do Auxílio Emergencial e de outros benefícios governamentais.

> ***"Eu sou pescadora artesanal e estamos passando muita dificuldade financeira recebo 89,00 [reais] de bolsa família e o seguro defeso [benefício ao pescador artesanal] de ano em ano, a cesta da colônia [de pesca] aqui não foi entregue. Tenho três netos, dois estudam e só receberam cesta [básica] do colégio em maio."***
>
> **Parda, 40 anos ou mais, Bahia**

> ***"Tenho medo de tentar começar algo novo. Não tenho nem por onde começar. Eu era de Caraguatatuba e tive que vir parar em Caçapava do Mato para trabalhar para família. Já me mandaram embora e estou à toa com minha esposa e filhos, num lugar desconhecido, vivendo de aluguel, que a partir do mês que vem não sei mais como pagar."***
>
> **Branca, 30-39 anos, São Paulo**

Isolamento social

A fim de evitar a transmissão do vírus, foram adotadas medidas clássicas de saúde pública, dentre as quais o distanciamento social. Sobre isso, diferentes perspectivas foram pautadas pelas mulheres, que utilizaram largamente a expressão "isolamento social". Foram poucas as falas contrárias à esta medida. Majoritariamente, as mulheres a reconheceram como necessária para evitar a disseminação do vírus.

> ***"Quero ressaltar com relação ao isolamento... Por mais que fiquemos exaustos, ansiosos e com saudades dos demais familiares e amigos, o mais importante no momento é permanecermos no isolamento. Falo de um caso à parte, por fazermos parte do grupo de risco. Tanto eu, como meu marido e minha filha estamos em constante oração e isolados. Com Fé em Deus tudo isso irá passar."***
>
> **Branca, 40 anos ou mais, Pernambuco**

Picture credit: Marcos Fabrício - Prefeitura de Maricá

A pandemia instaurou uma mudança social relevante: o convívio duradouro com pessoas que coabitavam em casa. De um lado, o distanciamento físico compulsório entre parentes, amigos e vizinhos que vivem em casas diferentes foi considerado um obstáculo para as manifestações de afeto e agente responsável pelo enfraquecimento de amizades, bem como a falta de contatos físicos; por outro lado, o isolamento apareceu como um intensificador das relações entre aqueles que habitavam o mesmo lar, de maneira que a convivência excessiva, ora ocasionou tensões e até mesmo separações conjugais, ora destacou-se positivamente; como deixam ver as declarações abaixo:

> ***"Felizmente, pude me cuidar e não tive ninguém próximo afetado seriamente pela doença. Sinto, contudo, muita falta de contato físico: abraços, encontros com amigos e familiares. Espero poder 'socializar' novamente o mais breve possível."***
>
> **Branca, 40 anos ou mais, São Paulo**

> ***"Para mim, a pandemia trouxe proximidade e tempo para estar em família. Olhar mais próximo para os filhos, para acompanhar e ver de perto o desenvolvimento deles. antes não havia tempo para isso. Mudei de casa, de cidade, tudo para aumentar a qualidade de vida e, no pós-pandemia poder continuar próxima aos meus filhos. Me fez muito feliz e uniu mais ainda a minha família como um todo. Demos valor à família ainda mais! "***
>
> **Parda, 30-39 anos, Rio de Janeiro**

"Depois de 3 meses do início da pandemia, separei-me do meu esposo, e atualmente estou há quase 1 ano em novo relacionamento. Os problemas conjugais aumentaram muito com o isolamento."

Branca, 40 anos ou mais, São Paulo

Os discursos revelaram as ambiguidades vivenciadas pelas mulheres durante o período de isolamento social. Somado a isso os sentimentos de tristeza, ansiedade, medo, angústia e solidão, foram experimentados em demasia.

"A pandemia teve um efeito negativo na minha vida! Já superei uma parte, mas ainda sinto os efeitos principalmente com relação ao isolamento, tendo que ficar longe dos meus familiares e amigos."

Preta, 40 anos ou mais, São Paulo

"Moro há 7 anos sozinha, mas por conta da pandemia, precisei voltar a morar com meus pais. Esse tem sido um desafio, pois é um ambiente que me traz memórias ruins da infância. Nunca me faltou nada, educação, alimento, roupas, nada. Mas eu apanhava muito, era um ambiente em que era pressionada, academicamente principalmente, e estar de volta me fez aumentar uma cobrança e ansiedade, e ter medo da minha mãe e vê-la como uma figura de "punição" de novo. Muitas brigas para ajustar as rotinas."

Preta, 25-29 anos, Bahia

Outros dados importantes sobre o isolamento social revelam a insegurança das mulheres com o retorno às atividades e a ressocialização por meio de encontros presenciais, após o período de reclusão. Além de refletirem e tecerem críticas à ideia de "volta à normalidade", nem possível nem desejável, como discute Krenak (2020).

"Não tenho vontade de retorno àquele cotidiano de antes. O isolamento não é ruim pra mim por completo. Apenas sinto não poder estar com as pessoas que amo. Não gostaria de voltar à convivência de trabalho como antes. Quero mudar muita coisa na minha vida. Mas sei que esta atmosfera de morte e incertezas nos deixa muito confusos."

Preta, 40 anos ou mais, Rio de Janeiro

O isolamento também possibilitou às mulheres experiências de autoconhecimento, por meio da participação em atividades de autoajuda e psicoterapia. As falas seguintes revelam esta tendência:

"O isolamento social nos fez ficar muito com nós mesmos, a nos analisar, e a nos conhecermos, nem sempre de maneira positiva."

Preta, 40 anos ou mais, Rio de Janeiro

"Apesar do isolamento e consequente solidão, estou em uma fase de autoconhecimento e resgate que não teria nunca se não fosse a parada da rotina de vida com a pandemia."

Branca, 40 anos ou mais, Paraná

Sociabilidades e relacionamentos afetivos

A exigência de isolamento social durante a pandemia resultou em uma mudança de comportamento com relação à sociabilidade e à construção de novos relacionamentos afetivos, ocorrendo majoritariamente de maneira online. Essa situação favoreceu as interações por meio de aplicativos de mensagens, conversas por vídeo e jogos online, que cresceram em popularidade. Encontros e iniciação de relacionamentos por meio de aplicativos foram estratégias frente à nova rotina.

> ***"Foi durante a pandemia que conheci meu namorado atual, estava há dois anos sozinha e não esperava encontrar um relacionamento. Aguardamos as 2 doses [da vacina] para nos conhecermos pessoalmente"***
>
> **Branca, 40 anos ou mais, Minas Gerais**

Sobrecarga de trabalho, exaustão e gênero

As mulheres reconhecem que, embora a pandemia afete a todos, atinge-as de maneira desigual.

> ***"A mulher foi muito mais prejudicada nessa pandemia, sobrecarga de trabalho profissional, trabalho doméstico, cuidar de filho, isso o homem não sabe o que é."***
>
> **Parda, 30-39 anos, Bahia**

A modalidade remota, que teve seu uso amplificado pela pandemia, foi comumente associada à sobrecarga de trabalho e à exaustão, uma vez que as mulheres precisaram conciliar o home office com as tarefas domésticas e o cuidado com os parentes, sobretudo com os filhos, evidenciando, assim, as desigualdades de gênero na divisão do trabalho, especialmente para as "mães separadas".

> ***"No cenário atual, as mulheres, de um modo geral, foram as mais impactadas pela pandemia. Sem mencionar o aumento nos casos de violência doméstica e feminicídio, os transtornos mentais também tiveram um aumento significativo, provavelmente devido à sobrecarga de trabalho e ao isolamento social."***
>
> **Branca, 30-39 anos, Bahia**

> ***"A carga de trabalho da mulher aumentou consideravelmente, principalmente no caso das mães separadas."***
>
> **Preta, 40 anos ou mais, Rio de Janeiro**

Contudo, ao mesmo tempo que relatam exaustão e mudanças negativas na rotina, reconhecem a importância de terem a possibilidade de realizarem suas atividades profissionais via modalidade remota, o que não foi possível para todas.

> ***"No cenário atual, as mulheres, de um modo geral, foram as mais impactadas pela pandemia. Sem mencionar o aumento nos casos de violência doméstica e feminicídio, os transtornos mentais também tiveram um aumento significativo, provavelmente devido à sobrecarga de trabalho e ao isolamento social"***
>
> **Branca, 30-39 anos, Bahia**

> ***"A carga de trabalho da mulher aumentou consideravelmente, principalmente no caso das mães separadas."***
>
> **Preta, 40 anos ou mais, Rio de Janeiro**

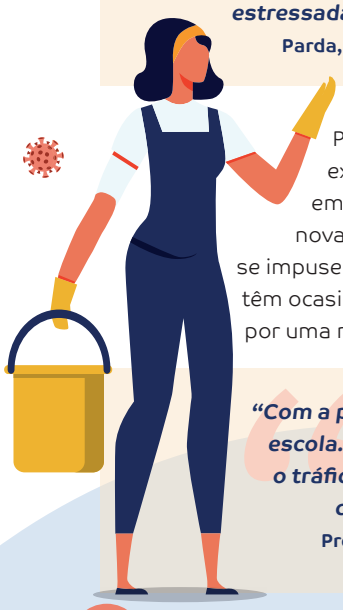
Contudo, ao mesmo tempo que relatam exaustão e mudanças negativas na rotina, reconhecem a importância de terem a possibilidade de realizarem suas atividades profissionais via modalidade remota, o que não foi possível para todas.

> ***"O home office ajuda muito as mulheres a conseguirem administrar melhor sua rotina, é muito importante que as empresas continuem com esse regime e saibam da opinião de suas empregadas quanto a isso."***
>
> **Branca, 25-29 anos, Minas Gerais**

Sobrecarga emocional

A pandemia agravou problemas já vivenciados por algumas mulheres. A sobrecarga de trabalho, cuidado com os filhos, distanciamento físico, intenso convívio familiar, desemprego, dificuldades financeiras, mortes e agravamento dos sintomas da doença foram destacados como agentes responsáveis por desencadear sentimentos de angústia, tristeza, ansiedade, estresse, cansaço, diminuição da autoestima, insônia, solidão, desesperança, entre outros.

> ***"A Pandemia afetou demais o meu emocional. Principalmente depois do diagnóstico Covid-19 que eu tive. Desde então sinto muita angústia, solidão, tristeza, insônia, depressão, ansiedade. Nunca mais eu fui a mesma. Não sinto motivação pra mais nada. Vou trabalhar a pulso. Sem forças pra cuidar da casa do esposo e da minha filha que é uma adolescente numa fase crítica. Estou muito estressada, exausta, sem mais palavras."***
> **Parda, 40 anos ou mais, Pernambuco**



Para além dos sentimentos e sensações experimentadas durante a pandemia, em decorrência do distanciamento físico, novas dinâmicas sociais e relações diversas se impuseram em alguns lares, as quais também têm ocasionado tristeza, como a que foi descrita por uma mulher:

> ***"Com a pandemia, parou o trabalho avulso, escola... meus filhos se envolveram com o tráfico [de drogas] - venda - e isso me causa muita dor, tristeza..."***
> **Preta, 40 anos ou mais, Amazonas**

Estratégias de cuidado foram sublinhadas para fazer face aos problemas provocados pela pandemia e medidas de distanciamento adotadas:

> ***"Deveria existir grupos de apoio às pessoas afetadas emocional e psicologicamente pela pandemia. O atendimento no posto de saúde é precário, não tem!"***
> **Branca, 25-29 anos, São Paulo**

Relatos de violência

Algumas mulheres, sobretudo as mais jovens, vivenciaram situações difíceis, como repressão e violência familiar. Também houve relatos de violência dos parceiros, apontando para a tendência de elevação de casos durante a pandemia:

> ***"Nós mulheres estamos muito expostas a diversas violências nesse contexto de pandemia. Violência psicológica, financeira, física, emocional. Estamos na ponta das contradições sendo abandonadas à nossa sorte."***
> **Parda, 30-39 anos, Rio de Janeiro**

> ***"Foi na pandemia que um ex-ficante - diagnosticado com bipolaridade - não aceitou o término e me perturbava e a todos os meus amigos e familiares onde eu fiz uma medida protetiva e comecei a fazer terapia com psicanalista..."***
> **Branca, 20-29 anos, Tocantins**

A violência ocasionou diversas consequências para as mulheres. Destacam-se, em um dos depoimentos, o questionamento quanto à definição de "lar" e a noção de "falecimento psicológico", como um estado de desgaste e exaustão psíquica, associado à violência e a questões de outras ordens (financeira, por exemplo):

> ***"Infelizmente esse período de pandemia me trouxe muitas frustrações, principalmente relativo ao meu casamento de 17 anos. Tive que, apesar do medo, me reinventar para arranjar dinheiro, visto que a prefeitura não está fazendo repasses para ONG [Organização Não Governamental]. Acho que a violência e a questão financeira foram as principais causas para meu falecimento psicológico neste período de pandemia. Que essa pesquisa ajude a outras mulheres não chegarem ao ponto em que eu cheguei a ter violência dentro de um lugar que deveríamos chamar de lar."***
> **Branca, 40 anos ou mais, Rio de Janeiro**

Também foi relatado um caso de estupro ocorrido na pandemia:

> ***"Fui vítima de estupro durante a pandemia, especificamente em fevereiro/2021. Não corri o risco de engravidar, pois o agressor (homem) era vasectomizado (eu sei por que o conhecia da faculdade). Porém, tive outras complicações de saúde, como inflamações na garganta/boca e ginecológicas. Depois disso, não consegui flertar com mais ninguém, virtual ou presencialmente, nem homens nem mulheres. Sinto medo de me encontrar com pessoas que não conheço e ser vítima de uma nova violência."***
>
> **Branca, 18-24 anos, São Paulo**

Ter privilégio / ser privilegiada

"Privilégio" é uma palavra que apareceu em muitas falas, e que expressou variadas condições, não necessariamente apontando relações econômicas e de classe social. Algumas mulheres julgaram-se privilegiadas por não terem perdido a vida e seus entes durante a pandemia; outras demonstraram que diante do contexto político, ter emprego era sinônimo de ser privilegiada; ainda tiveram aquelas que destacavam como usufruto de privilégios o acesso aos serviços de saúde, inalcançável a uma importante parcela de mulheres.

> ***"Sou privilegiada por poder ter feito um plano de saúde para quando eu decidi engravidar e receber assistência humanizada durante a gestação."***
>
> **Preta, 30-39 anos, Minas Gerais**

> ***"Sou imensamente privilegiada, pela saúde e por tudo o que a vida me proporciona. Ficamos em isolamento absoluto desde março/2020 e agora, mesmo vacinados, seguimos com toda a precaução possível. Sei que, infelizmente, é a situação de poucos nesse desgoverno em que vivemos."***
>
> **Branca, 40 anos ou mais, Rio de Janeiro**

Interessante notar que o reconhecimento do privilégio acompanha falas comparativas sobre a realidade vivenciada por diferentes mulheres. Ao mesmo tempo, tal reconhecimento é mobilizado por sentimentos de angústia.

> ***"Eu tive Covid-19, considerada leve, e mesmo assim foi uma pancada. Estou bem e recuperada e sinto que essa pandemia afeta de forma desigual as pessoas, especialmente os mais vulneráveis. Como tive assistência, pude ter acesso à saúde, estava com boa alimentação e isolamento em um quarto com banheiro, fiquei ciente desse privilégio e, ao mesmo tempo, pesarosa pelo fato de boa parte da população não ter as mesmas condições. Acho que isso agravou o meu pesar e afetou o quadro de tristeza. São 532 mil vidas perdidas, muitas evitáveis, muitas. Foi difícil segurar a cabeça e ficar bem com esse quadro trágico. Agora estou bem melhor e positiva. Vai passar."***
>
> **Branca, 40 anos ou mais, Rio de Janeiro**

Iniciação, continuidade e interrupção dos estudos

Em relação à vida acadêmica, a pandemia foi uma oportunidade para algumas mulheres iniciarem ou voltarem aos estudos, graças à modalidade remota do trabalho e das aulas. A grande oferta de lives (live streaming) e cursos virtuais gratuitos entraram na rotina de algumas delas. Outras, contudo, relataram a necessidade de interrupção dos estudos, frente às dificuldades geradas pela pandemia, como a sobrecarga do trabalho doméstico, mencionado anteriormente.

> ***"Nesta pandemia também cresci, voltei a estudar, estou fazendo faculdade."***
>
> **Branca, 40 anos ou mais, Rio Grande do Sul**

> *"Gostaria que no fim da pandemia alguns serviços como o ensino remoto nas escolas públicas continuassem para adultos que desejam terminar a escola, esta alternativa tem me ajudado muito a voltar a estudar, já que trabalho/estudo e sou mãe solo."*
> **Branca, 30-39 anos, Rio de Janeiro**

> *"A sobrecarga mental me fez abandonar a faculdade no meio da pandemia para realizar as atividades online das minhas filhas, as escolas cobram muito e não temos materiais ou espaço necessário para realizá-las. [...] Minha filha mais nova tem necessidades especiais e o tratamento pelo SUS foi paralisado. [...]."*
> **Parda, 18-24 anos, São Paulo**

Narrativas sobre a ciência

As informações sobre a crise sanitária foram propagadas de forma heterogênea em todo o mundo. Esta multiplicidade de informações retomou o debate sobre o importante papel da ciência no combate à pandemia. No Brasil, vozes favoráveis e contrárias às recomendações científicas ecoaram, na mesma proporção em que o vírus se alastrava nas cinco regiões do país.

Perante a infodemia e a desinformação, as mulheres demandaram orientações confiáveis, transmitidas de forma equilibrada, com caráter educativo. As que tematizaram este assunto, criticaram amplamente as fakes news disseminadas nas redes sociais, as posturas negacionistas em torno dos programas de vacinação, bem como as notícias manipuladas e veiculadas de forma ostensiva nos diferentes meios de comunicação. Em contraposição, posicionaram-se favoráveis à ciência, às medidas preventivas preconizadas pela OMS e às manifestações de apoio à vacinação.

> *"Só quero que a vacinação seja mais rápida, para meus filhos serem logo vacinados, e que tudo isso passe logo."*
> **Parda, 30-39 anos, Pernambuco**

> *"O presidente trabalhou para a imunização de rebanho, uso de medicamentos sem comprovação de eficácia, fez campanha contra a vacinação, uso de máscara e higienização pessoal. E ainda estimulou a desinformação. Somos um país capaz de produzir vacina e vacinar toda a população. Além da questão da saúde, que desestabilizou ainda mais a economia, tem o desemprego em alta que leva à fome, falta de moradia, insegurança social... e tristeza!!"*
> **Branca, 40 anos ou mais, Pernambuco**

Considerações finais

Esta nota técnica buscou evidenciar os principais desafios e sentimentos enfrentados, durante a pandemia, pelas mulheres que responderam à questão aberta, e as estratégias empreendidas para lidarem com o momento presente. Ressalta-se a participação efetiva, por meio de seus depoimentos e, também, de suas declarações acerca das desigualdades e violências de gênero. O compartilhamento de suas próprias experiências e das experiências de outras mulheres que, de alguma forma, estão inseridas na mesma rede de convivência, serve-nos como base para a compreensão de como diferentes mulheres vivenciaram a pandemia.

Muitas entre aquelas que nos ofereceram seus comentários e depoimentos reforçaram, de uma forma veemente, a desassistência dos governos, demonstrando criticidade na avaliação da gestão do cenário pandêmico. Une-se a isso, a crítica ao negacionismo e à disseminação de fake news no âmbito da comunicação. Ainda, há uma avaliação geral que a pandemia foi vivenciada a partir das diferenças sociais, raciais e de gênero. Entre os impactos sobre as mulheres no Brasil, e sobre as próprias participantes da pesquisa, notaram a exaustão física e emocional; o trabalho doméstico não remunerado; a responsabilidade de serem cuidadoras, seja dos filhos ou de outros entes; e o próprio sentimento frente à pandemia. Estes constituíram parte fundante e comum nas experiências das participantes.

Referências

KRENAK, Ailton. "**Se voltarmos à normalidade é porque não valeu nada a morte de milhares de pessoas**". Arte!brasileiros. Edição 50, 2020. Disponível em: https://artebrasileiros.com.br/featured/ailton-krenak-livro-covid19-quarentena/

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Revista Arte & Ensaios, n. 32, 2016, p. 122-151. e-ISSN: 2448-3338.